

SEMIÓTICA DA CULTURA SURDA ENTREVISTA COM A Dr^a Edneia de Oliveira Alves



Prof. Dra. Edneia de Oliveira Alves – UFPB/CCHLA

(ASEL) — Profa. Edneia, temos um grande prazer em entrevistá-la neste momento. A Senhora é uma das pioneiras na nossa Universidade sobre a inserção dos estudos surdos quando fez concurso para lecionar Libras no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do CCHLA. Sabemos que tem uma larga experiência sobre o assunto. Poderia nos falar um pouco sobre a sua trajetória acadêmica-profissional?

(**Profa. Edneia**) — Sou graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba tendo como tema de pesquisa: avaliação do *Programa Social Bolsa Família*. Doutorei-me em Psicologia Social pela mesma Universidade sobre o tema: Educação de surdos. Desde 2010, trabalho como professora de Libras (Língua Brasileira de Sinais), vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), onde coordeno três projetos: um vinculado ao Programa Prolicen, intitulado *Letramento do surdo por meio dos gêneros textuais do cotidiano*, outro do Programa Probex, *Recurso didático para o ensino ao surdo* e ainda o projeto vinculado do Programa PIBIC/PIVIC *A produção de sentido nos recursos didáticos para o ensino de português ao surdo*. Lidero junto à professora Vânia Maria Vasconcelos, o grupo de pesquisa do CNPq **Semiótica, Libras e educação de surdos**.

(ASEL) — Sabemos que a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é a língua de comunicação do surdo e que ela ganhou visibilidade e legitimidade a partir da lei 10.436/02. Como tem sido sua experiência sobre este aspecto?

(**Profa. Edneia**) — A minha relação com a Libras se inicia com a comunicação em sinais caseiros com surdos: minha irmã e depois minha prima. Em nossa infância, éramos proibidas de nos comunicarmos em gestos por orientação da escola cuja

filosofia educacional era a oralista. Assim, permanecemos até a década de 1990, apesar de a Libras já ser aceita na comunidade surda e em escolas de surdos desde a década de 1980. Portanto, a minha trajetória na área de Libras não aconteceu a partir da formação acadêmica, até porque os cursos de graduação em Letras-Libras são recentes no Brasil, mas, de forma pessoal. Depois me inseri nesse mundo de forma profissional. Na verdade, não me inseri: fui inserida. Isso porque iniciei apenas com o interesse em me comunicar com meus familiares. Percebi que havia uma carência muito grande em ensino de Língua Portuguesa para surdos. Assim, elaborei um projeto de ensino nesta área em 2001, junto com minha orientadora, Kátia Maria Barreto da Silva Leite da UFPE. Por esse trabalho, fomos premiadas no Comgrad 2001 da UFPE. Posteriormente, tornei-me intérprete de Libras e terminei por ser professora de Libras da UFPB. Pelo fato de ter nascida já irmã de uma surda, acredito que fui escolhida para essa área com a qual assumo o compromisso e realizo meu trabalho, dando o melhor de mim.

(ASEL) — Que bonito professora! De uma experiência individual, a Senhora passou para uma proveitosa experiência coletiva. Por favor, fale mais sobre essa descoberta da Libras e como a vê hoje a partir do lugar que ocupa na Universidade Federal da Paraíba?

(**Profª. Edneia**) — Descobri que a Libras não era mais proibida na década de 1990 e essa descoberta me deu uma sensação de liberdade. Sentia-me presa, precisando esconder a mim e a minha irmã ao nos comunicarmos. Só a partir daí eu pude ter uma comunicação efetiva com minha irmã e minha prima. Nós éramos conhecidas e, ao mesmo tempo, desconhecidas, mesmo mantendo uma relação familiar. Foi maravilhoso e, pessoalmente, acho que a Libras é a superação do surdo e um exemplo de que o ser humano não tem limites para estabelecer comunicação. Na academia, assumo a postura de professora e de militante da causa surda. Para mim, manter a Libras viva e contribuir para a sua valorização é o mesmo que manter o povo surdo vivo e ativo. Com essa língua, ele sai da visão da incapacidade para mostrar todo o seu potencial, como ele mesmo expressa em seu discurso. Não respeitar o modo de comunicação do surdo é desrespeitá-lo em sua condição humana.

(ASEL) — A partir da perspectiva cultural, qual a importância da Libras para o povo surdo?

(**Profª. Edneia**) — Para falar na visão cultural da Libras, nos apoiamos nos estudos de Strobel, professora Dr^a surda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e

estudiosa da cultura surda. A Libras nessa visão é responsável por possibilitar por meio da interação surdo x surdo o sentimento de pertença na comunidade surda. Sem ela, ele é um estrangeiro em seu próprio país. A interação verbal em Libras contribui para o desenvolvimento sócio-cultural do surdo e de sua identidade. Ela é o elemento básico, não único, da cultura surda. Sendo assim, não se pode pensar no povo surdo sem a Libras, portanto, ela é um bem cultural desse povo.

(ASEL) — Em uma perspectiva linguística como a Libras se insere na academia e como essa tem contribuído para sua valorização?

(**Profa. Edneia**) — A Libras possui o status linguístico como afirmam vários estudiosos da área. É uma língua de caráter gesto-visual e possui a modalidade sinalizada — o equivalente à modalidade oral das línguas orais — e a modalidade escrita: a escrita de sinais. A partir da inserção de professores de Libras na academia, essa língua tem sido objeto de estudo nas mais diversas formas de manifestações. Em todo o país, existem estudos iniciados em gramática de Libras, em literatura em Libras e surda e em escrita de sinais. Quando falamos em gramática de Libras temos como referência: Brito, Felipe, Quadros e Karnopp, em literatura temos: Karnopp no Brasil e aqui na UFPB Janaína Peixoto e em escrita de sinais no sistema SignWriting a Professora Dr^a surda Marianne Stumpf. A partir desses estudiosos temos diversos outros que surgiram, a exemplo de mim, e outros adeptos aqui na Paraíba, que têm contribuído com a difusão e valorização da escrita de sinais. Na UFPB formamos, hoje, um grupo de 10 professores de Libras, dentre nós três doutores, uma doutoranda, três mestres, um mestrando, dois especialistas. Muito em breve, seremos todos doutores e pesquisadores da área de Libras e Surdez.

(ASEL) — Hoje, como é sua atuação no Ensino e Pesquisa de/em Libras e quais as projeções para o futuro?

(**Profa. Edneia**) — Junto aos meus alunos, estou realizando estudos sobre o ensino de escrita de sinais e sobre intersemiótica com criação e análise de representações imagéticas e representações intermodais de conteúdos escolares. É uma área que abracei por seguir as indicações dos estudiosos surdos e da própria comunidade surda de que a visualidade é um artefato importante para sua aprendizagem. Sendo assim, acredito estar contribuindo para a melhoria da qualidade da educação ofertada para o surdo e com a valorização da Libras por meio da escrita de sinais.

Iniciei minha trajetória no mestrado com a pesquisa *quali-quant* e prossegui no doutorado com a pesquisa qualitativa. A teoria que embasou a minha pesquisa de doutorado foi a de sentido por meio de Vigotsky. Em orientações de TCC, temos empregado a pesquisa qualitativa. Em meu projeto de pesquisa, estou iniciando meus trabalhos com a teoria de sentido, porém, dessa vez com Bakhtin. Estou ingressando nos estudos de semiologia nos quais, pretendo utilizar Bakhtin como base teórica. As análises de sentido muito nos favorecem na área da surdez e Libras, pois, na surdez podemos analisar os sentidos atribuídos aos surdos pelos ouvintes e pelo próprio surdo. Em Libras, podemos analisar a produções de sentido por meio da manifestação linguística em Libras e em português pelo surdo. Os trabalhos na área da surdez e Libras a partir de uma perspectiva cultural são recentes e estamos encontrando caminhos de pesquisa que possam responder às questões que envolvem essa área.

(ASEL) — Obrigado, professora. Colocamo-nos à sua disposição para difundir, cada vez mais, esses estudos. Por favor, pode dizer suas palavras finais?

(**Profa. Edneia**) — Eu que agradeço a oportunidade que a ASEL me proporcionou. Penso que esta entrevista abrirá novos caminhos e despertará, em outros pesquisadores, o desejo de enveredar por essa instigante área da cultura surda.